

## DIZENDO E FAZENDO O SEM TERRA ASSENTADO NO MST-CE: Rabiscos de uma pragmática etnográfica

### [SAYING AND DOING THE WITHOUT EARTH MST-CE: Scribbles of an ethnographic pragmatic]

Marco Antonio Lima do Bonfim  
Universidade Estadual do Ceará

**Resumo:** Partindo, portanto, dessa visão pragmática de estudos da linguagem, procuramos analisar, neste estudo, a construção da identidade de Sem Terra assentado, a partir das consequências produzidas pelo ato de dizer algo (efeitos perlocucionários), em determinadas situações de uso da linguagem. Este estudo buscou, portanto, compreender a constituição do Sem Terra assentado na sua relação com a mística vivenciada pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais residentes no Assentamento Lênin Paz II, no município de Ibaretama-Ceará.

**Palavras-chave:** Linguagem; Pragmática cultura; Mística.

**Abstract:** Starting therefore this pragmatic view of language studies, we analyzed in this study, the construction of identity Landless , from the effects produced by the act of saying something (perlocutionary effects), in certain situations of language usage. This study sought therefore understand the constitution of the Landless in their relationship with the mystical experienced by as workers rural residents in the settlement Lenin Peace II, in the municipality of Ceará-Ibaretama.

**Keywords:** Language; Cultural pragmatic; Mystique.

#### INTRODUÇÃO

Este trabalho situa-se em uma proposta de desenvolvimento de uma Pragmática Cultural, um instrumental de trabalho para a pesquisa linguística que permita pensar as questões políticas, econômicas e sociais como próprias de nossas linguagens, de nossas formas de vida cotidiana (ALENCAR, 2010). A partir da percepção do lugar constitutivo da cultura na vida social, a pragmática cultural compreende “que todo ato de fala e todo sentido é historicamente constituído a partir de diversos

fatores (sociais, culturais, econômicos, políticos) integrados na produção e interpretação lingüísticas.” (ALENCAR, 2010, p. 3). Para esta pragmática “[...] os sujeitos [são compreendidos] como situados historicamente considerados como, ao mesmo tempo, singulares e sociais, capazes de intervir no mundo através de suas práticas nos diversos jogos de linguagem reais em que interagem [...]” (ALENCAR, 2010, p. 3).

Partindo, portanto, dessa visão pragmática de estudos da linguagem, procuramos analisar, neste estudo, a construção da identidade de Sem Terra assentado, a partir das consequências produzidas pelo ato de dizer algo (efeitos perlocucionários), em determinadas situações de uso da linguagem. Este estudo buscou, portanto, compreender a constituição do Sem Terra assentado na sua relação com a mística vivenciada pelos/as trabalhadores/as rurais residentes no Assentamento Lênin Paz II, no município de Ibaretama-Ceará. A mística no MST é “uma espécie assim de teatro”<sup>1</sup>, uma forma de vida (WITTGENSTEIN, 1989) construída na e pela linguagem que vai dando sentido a luta pela terra dentro e fora dos assentamentos e acampamentos coordenados por este Movimento Social no Ceará e no Brasil.

O texto está estruturado em cinco seções. Na primeira, apresento a Pragmática como um campo dos estudos da linguagem; nela discuto a teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1990) e a concepção wittgensteiniana de linguagem enquanto constituída por jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1989). Na segunda, discuto a noção de identidade performativa, isto é, de que nossas identidades sociais são produzidas enquanto efeitos de nossos atos de fala. Na terceira, contextualizo o MST como um movimento social camponês, bem como descrevo como os/as agricultores sem-terra vivenciam a prática da mística no MST-CE. Na quarta, discuto a proposta de uma Pragmática etnográfica partindo da combinação das teorias pragmáticas com os métodos etnográficos. E por fim, na quinta seção, analiso como os/as agricultores/as

<sup>1</sup> Sr. Zé Wilson, assentado no Assentamento Lênin Paz II, em entrevista no dia 09 de julho de 2010. Todos os/as entrevistados/as são nomeados por nomes de lutadores/as que já “tomaram” na luta pela terra no Ceará e no Brasil. Fiz esta opção por dois motivos. Primeiro, para manter em sigilo a identidade dos/as participantes da pesquisa, e segundo, por já neste ato, manifestar uma das dimensões da mística dos Sem Terra, a saber, o cultivo da memória.

integrantes deste movimento social se **fazem** como Sem Terra assentado, através da vivência da mística no Assentamento Lênin Paz II.

Considerando a linguagem como ação e entendendo que esta ação delinea formas de subjetividades diversas, espero que este artigo possa contribuir para a compreensão de como, **no** e **através** do uso linguístico, fazemos identidades. Espero ainda que esta reflexão possa instigar outros estudos que venham focalizar a prática linguística de maneira não deslocada das interações sociais em que se realiza. Nesse sentido a Pragmática etnográfica rabiscada aqui aparece como um convite.

### PRAGMÁTICA: ATOS DE FALA E IDENTIDADE PERFORMATIVA

O estudo da construção dos sentidos considerando os atos de linguagem dos sujeitos e as condições de produção desses significados é denominado, dentro dos estudos da linguagem, de “Pragmática”. Nas palavras da linguista Joana Plaza Pinto:

[...] a pragmática analisa, de um lado, o uso concreto da linguagem, com vistas em seus usuários e usuárias, na prática lingüística; e, de outro lado, estuda as condições que governam essa prática. Assim, em primeiro lugar, a pragmática pode ser apontada como a ciência do uso lingüístico (PINTO, 2003, p. 47-48).

Na verdade, este campo de estudos relacionado à “ciência da linguagem” – Linguística – objetiva estudar a “linguagem em uso” sem desconsiderar os sujeitos que agem na e através da linguagem. Armengaud (2006) considera os estudos pragmáticos como fruto do cruzamento das pesquisas em Filosofia e em Linguística, e relata que estes estudos, inicialmente, se apresentaram como uma tentativa de responder a perguntas como: “que *fazemos* quando falamos? Que *dizemos* exatamente quando falamos?” (p. 9). Nesta perspectiva de abordagem da linguagem, “é impossível discutir linguagem sem considerar o ato de linguagem, o ato de estar falando em si – a linguagem não é assim descrição do mundo, mas ação” (PINTO, 2003, p. 57).

Fundamental para o estabelecimento deste campo de estudos da linguagem foi a discussão que o filósofo inglês J.L Austin ([1976]1990) empreendeu sobre os enunciados performativos, isto é, enunciados que operam uma ação. Ao dizer algo (ou por consequência de dizer algo) nós não só dizemos este algo, mas na medida em que

dizemos, praticamos algum tipo de ação social. Isto é, **nosso ato de falar é uma forma de realizarmos ações**. Ações que se manifestam na e em linguagens. Por exemplo, se digo “Sim!” no casamento ao padre ou ao juiz, não estou **apenas dizendo algo, mas praticando uma ação** – de casar-me com alguém. Para mostrar que ao dizer, estamos sempre fazendo algo, Austin (1990), propôs o conceito de atos de fala. Sobre este conceito, Pinto (2003, p. 50) nos esclarece: “[...] Atos de Fala é um conceito [...] para debater a realidade de ação da fala, ou seja, a relação entre o que se diz e o que se faz – ou, mais acuradamente, o fato de que se diz fazendo, ou se faz dizendo”.

Dessa forma, adentramos na Teoria dos atos de fala,

Austin cria o ato de fala e o desdobra em três partes, em três atos simultâneos: um **ato locucionário**, que produz tanto os sons pertencentes a um vocabulário quanto a articulação entre a sintaxe e a semântica, lugar em que se dá a significação no sentido tradicional; um **ato ilocucionário**, que é o ato de realização de uma ação através de um enunciado [...] Por último, um **ato perlocucionário**, que é o ato que produz efeito sobre o interlocutor (OTTONI, 1998, p. 35-36 – grifo nosso).

Exemplificando: digamos que por ocasião de um assalto um cidadão diga essa frase – Cuidado! Ele vai atirar – é um ato locucionário; que este cidadão, por meio dessa expressão linguística, faça uma advertência, isso é o ato ilocucionário; que por meio dessa expressão, o sujeito consiga alertar alguém do disparo, isso é o ato perlocucionário. Note que “os três atos são realizados por meio da mesma expressão linguística, o que manifesta que não se trata de três atos distintos, mas de três dimensões do mesmo ato de fala” (OLIVEIRA, 2006, p. 160).

Para que possamos praticar uma ação **na e através** da linguagem, Austin (1990, p. 30) nos esclarece que “[a]lém do proferimento das palavras chamadas performativas, muitas outras coisas em geral têm que ocorrer de modo adequado para podermos dizer que realizamos, com êxito, a nossa ação.” Isto é, para que os atos possam ser executados são necessárias certas condições sociais, uma vez que as ações são executadas na medida em que seguem um conjunto de regras intersubjetivamente estabelecidas e aceitas pelos/as próprios/as usuários/as da linguagem<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Pinto (2007, p. 24), sintetiza bem as condições para a execução de um performativo. “São seis as condições para o funcionamento regular ou 'feliz' de um performativo, que podem ser traduzidas livremente como: A.1) a existência de procedimentos convencionais aceitos para enunciar certas

Para efeito de análise dos performativos, Austin distingue cinco classes gerais de verbos, ou talvez, inspirado em Wittgenstein, cinco “famílias” gerais de atos de fala, uma vez que “os novos critérios [de significação] serão fornecidos [agora] pelo uso que fazemos da linguagem nos mais diversos jogos, isto é, nas diferentes formas de vida” (MORENO 1985 apud OTTONI, 1998, p. 76). Seguindo então a força ilocucionária de cada “família” de atos de fala, Austin propôs os seguintes nomes:

- (1) Veriditivos
- (2) Exercitivos
- (3) Comissivos
- (4) Comportamentais
- (5) Expositivos

Os primeiros, como a própria designação sugere, caracterizam-se por dar um veredito. Isto é, “constituem essencialmente o estabelecimento de algo – fato ou valor - a respeito do qual, por diferentes razões, é difícil se estar seguro” (AUSTIN, 1990, p. 123). Por exemplo: diagnosticar, interpretar, julgar, considerar junto, responsabilizar etc. Os segundos se relacionam com o exercício de poderes. Por exemplo: proibir, agradecer, estimar, confiar, prescrever, conceder, advertir, exigir, propor etc. Os terceiros, caracterizam-se por “comprometer o locutor com um comportamento determinado” (OLIVEIRA, 2006, p. 164), “mas incluem também declarações ou anúncios de intenção, que não constituem promessas [...]” (AUSTIN, 1990, p. 123). Exemplos: dar a palavra, comprometer-se, jurar, provar, dispor-se, manifestar intenção, garantir etc. Os quartos se referem à atitudes e *comportamento social*. Trata-se de uma “reação ao comportamento e ao destino de outras pessoas e da atitude ou expressão de atitude diante do comportamento passado ou iminente de um outro” (OLIVEIRA, 2006, p. 164). Exemplos: agradecer, felicitar, criticar, saudar, desejar, reclamar, lamentar, queixar-se etc. Por fim, os quintos têm por finalidade a

---

palavras por certas pessoas em certas circunstâncias; A.2) pessoas e circunstâncias devem ser apropriadas para o procedimento invocado; B.1) o procedimento deve ser executado corretamente; B.2) e completamente; Γ.1) os procedimentos devem ser usados por pessoas com certos pensamentos ou sentimentos, ou intenção de conduta; Γ.2) e tais pessoas devem realmente conduzir-se de acordo com a conduta intencionada. (Austin 1976:14-15).”

contextualização das expressões linguísticas. Por exemplo: classificar, mencionar, comunicar, testemunhar, reconhecer, relatar, corrigir etc. Em suma,

Com as expressões veridictivas faz-se uso da força de julgar: com as exercitivas impõe-se influência, usa-se autoridade; com as comissivas assume-se uma obrigação ou se manifesta uma intenção; com as conductivas [“comportamentais” para Austin] assume-se uma atitude, e por fim, com as expositivas explicam-se argumentos, fundamentações, comunicações (OLIVEIRA, 2006, p. 164).

Portanto, a análise pragmática que farei adiante terá por base esta tentativa de classificação dos atos de fala proposta por Austin.

## IDENTIDADE PERFORMATIVA

No que se refere as apropriações da teoria dos atos de fala, autores/as como Pinto (2002, 2009) e Silva (2005, 2008) tem proposto estudos sobre a construção linguística de identidades, partindo inicialmente, de uma interpretação “alternativa” da “Teoria dos Atos de Fala”. Tais estudos tem mostrado como identidades são realizadas no e através do uso da linguagem. Nesse sentido, em uma “Teoria Radical dos Atos de Fala” (PINTO, 2002), “[...] identidades são performativas, ou seja, são efeitos de atos que impulsionam marcações em quadros de comportamentos (fala, escrita, vestimentas, alimentação, cultos, elos parentais, filiações, etc)” (PINTO, 2002, p. 122). Dizer que nossas identidades são construídas performativamente, significa dizer que **somos sempre efeitos, tanto de nossos como de outros atos de fala**, que reiteradamente postulam o que nós estamos sendo em um determinado “jogo de linguagem”. A noção de “jogo de linguagem” foi proposta pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, para quem a linguagem é uma forma de ação social, “uma forma de vida”, assim como cozinhar, namorar, estudar, pesquisar, dramatizar, ouvir música, ler, pedir, agradecer, cantar, etc. Todas estas maneiras de se viver na e pela linguagem, Wittgenstein (1989) concebe como “jogos de linguagem”, salientando que todos estes “jogos” materializam “formas de vida”.

Podemos [...] imaginar que todo processo do uso das palavras [...] é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna [...] Chamarei esses jogos de ‘jogos de linguagem’ [...] pense os vários usos das palavras ao se brincar de roda. Chamarei também de ‘jogos de

linguagem’ o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada.” (WITTGENSTEIN, 1989, p. 12, grifo do autor)

Entender a linguagem enquanto constituída por jogos de linguagem é compreender que o processo de significação se realiza sempre nas situações de uso concreto da linguagem, isto é, nas formas como nós empregamos as palavras. Vale salientar que as ações executadas em um determinado jogo de linguagem devem seguir a gramática deste jogo. Gramática, no sentido wittgensteiniano do termo, compreendida como regras sociais que são aprendidas e construídas enquanto um saber aprendido socialmente pelos/as próprios/as usuários/as da linguagem, a partir de suas próprias experiências cotidianas.

Portanto, foi a partir desta visão pragmática de linguagem que investigamos a construção da identidade de Sem Terra assentado a partir das consequências produzidas pelo ato de dizer algo (efeitos perlocucionários), em determinadas situações de uso da linguagem (jogos de linguagens), como a mística do MST, por exemplo.

### **MST E MÍSTICA: UMA RELAÇÃO DE NUNCA ACABAR**

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge como um Movimento Social de camponeses. Por Movimento Social entendo “[...] um conjunto de ações coletivas de indivíduos, dirigidas tanto à reivindicação de melhores condições de trabalho e vida, portanto de caráter reivindicatório e contestatório, quanto à transformação da sociedade” (SIQUEIRA, 2006, p. 15)<sup>3</sup>. Assim sendo, o MST surge no contexto em que o Brasil iniciava um processo de intensa mecanização da lavoura (década de 1970). Esse processo capitalista industrial, toma conta da agricultura, formando uma sociedade rural complexa, composta de grandes proprietários de terra, uma pequena burguesia agrária, pequenos proprietários de terra e os camponeses sem-terra, que, “expulsos pela modernização da agricultura tiveram fechadas essas

<sup>3</sup> Gohn (2008) observa que não existe uma definição única e globalizante do que seja um Movimento Social. Mas, no que se refere ao MST como Movimento Social camponês, observamos que a definição de Siqueira (2006) se adéqua à especificidade do referido movimento.

duas portas – o êxodo para as cidades e para as fronteiras agrícolas” (STÉDILE; FERNANDES, 1999, p. 17).

Aliado a esse processo, temos também, neste período, uma ampla mobilização pela democratização do país, com o ressurgimento das greves operárias (1978-1979) e as lutas contra a ditadura militar. De acordo com João Pedro Stédile e Bernardo Mançano Fernandes (1999), é nessa conjuntura que nasce o MST, pois os camponeses diante das mudanças industriais que atingiram a lavoura optam por “resistir no campo e buscar outras formas de luta pela terra nas próprias regiões onde viviam.” (STÉDILE; FERNANDES, 1999, p. 17). Nesse processo de luta pela terra, o nascimento em 1975 da Comissão Pastoral da Terra (CPT)<sup>4</sup>, em Goiânia, foi muito significativo para a reorganização das lutas camponesas. Reorganização, no sentido de que estas lutas já ocorriam “desde a nossa certidão de nascimento como nação” (ROMÃO, 2006, p. 46). Dessa forma, Fernandes (1999, p. 19) sugere que “[...] o MST nasce das lutas que já ocorriam, simultaneamente, nos estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. Stédile em consonância com Fernandes relata:

[...] o MST nasceu como movimento camponês, de agricultores acostumados com o trabalho familiar e que resolveram lutar pela terra [...] Na essência. O MST nasceu como um movimento camponês, que tinha como bandeira as três reivindicações prioritárias: terra, reforma agrária e mudanças gerais na sociedade[...] (STÉDILE; FERNANDES, 1999, p. 31).

Para Romão (2006), fatos como a ocupação das fazendas Macari e Brilhante no Rio Grande do Sul marcam o nascimento do MST naquela região. No Ceará, segundo Morissawa (2001), a constituição do Movimento se deu a partir das vitórias conquistadas nas ocupações de terra que se iniciaram no ano de 1989, nas fazendas Reunidas São Joaquim, em Quixeramobim, Canindé e Itapiúna. Segundo o autor, “a década de 1990 foi de intensa mobilização e de grandes conquistas pelos sem-terra no

<sup>4</sup> “Organismo pastoral da Igreja Católica, vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A CPT foi organizada em 1975, em Goiânia (GO), durante um encontro de bispos e agentes de pastoral, a partir de reflexões sobre a crescente onda de conflitos de terra que ocorriam nas regiões Norte e Centro-Oeste do País [...] Embora iniciada no Norte e no Centro-Oeste, estendeu suas atividades para quase todos os estados do Brasil. Atua em todas as dioceses em que há problemas de terra” (STÉDILE & FERNANDES, 1999, p. 19).

Ceará. Foram ocupações em Crato, Tamboril, Canindé, Massapê, Quixadá, Ocara, entre outros municípios” (MORRISAWA, 2001, p. 188).

No que se refere ao Assentamento “Lênin Paz II”, relato que o mesmo está situado a 4 km do município de Ibaretama (interior do Ceará). Sua história começa no ano 2003, com a ocupação da antiga Fazenda “Santa Branca” por mais de 30 famílias de trabalhadores/as rurais sem-terra. “Nós passamos 2 ano acampado, esperando [...] ali no “Posto São Paulo” [Posto de gasolina localizado na BR-116], e aí então, veio a [...] desapropriação dessa fazenda aqui pra nós”, assim nos contou o assentado Zé Wilson, em entrevista realizada na sua casa, no dia 09 de julho de 2010. Somente no dia 10 de novembro de 2005, as famílias acampadas na beira da Rodovia BR-116, que passa próximo de Ibaretama, conseguiram a posse da terra tão sonhada.

Gostaria de destacar agora a importância da mística no cotidiano dos/as trabalhadores/as rurais sem terra integrantes deste Movimento Social no Ceará. Vejamos a descrição de uma mística que tratou do assassinato de um Sem Terra no município de Ocara (interior do Ceará), narrada pelo assentado Zé Wilson, em entrevista concedida no mês de julho de 2010:

Eu [...] participei duma mística que foi [...] baseada [...] em fatos real. Como exemplo [...] assassinato de um companheiro [...] que a gente perdeu que era o companheiro “Denir” [...] Ai então, eu participei duma mística que foi uma encenação que foi feito e aquilo ali me chamou muito a atenção [...] eu fiquei muito emocionado, porque [...] a gente, fazemos a simulação [...] assim, como, tinha o pistoleiro, aí tinha os ocupantes da terra, aí tinha as famílias. Então, a gente criou aquele momento, e aí fizemos as arma [...] de pau inventado [...] Aí, compramos um fogo [fogos de artifício]. A gente foi fazer aquela encenação como que era bala de verdade. Então, na hora que bateu aquele papôco, assim do [...] fogo [...] a pessoa tava com um revólver de pau assim em punho, como se fosse a arma e ele atirando, sabe? Aí então, o companheiro caia lá no chão, como se ele fosse o “Denir”. Aí naquele momento, eu me emocionei [...] tão, isso aí comove qualquer pessoa [...] Aí então foi cantado o [...] cântico [...] Era uma música [...] que retratava [...] a ocupação da terra e a morte. É assim: “Tanto sangue derramado, na luta pelo pedaço de chão/ quantas mães perde seus filhos/ sem explicação [...]” Aí então, com essa música eu [...] me emocionei. Então, essa é a verdadeira mística, é você SENTIR ELA PERTO. (Zé Wilson, em entrevista realizada no dia 09 de julho de 2010, no Assentamento Lênin Paz II, Ibaretama-CE)

Como podemos observar, a mística no MST pode ser considerada “uma espécie assim de teatro” <sup>5</sup>, uma forma de vida (WITTGENSTEIN, 1989) construída na e pela linguagem que vai dando sentido a luta pela terra dentro e fora dos Acampamentos e Assentamentos <sup>6</sup> coordenados por este Movimento Social no Brasil. Lucíola Maia (2008) ao realizar uma pesquisa que tratou da mística dos Sem Terra do MST-CE como “um processo educativo”, nos diz que:

A mística é como o sangue que corre, é o alimento, é o ânimo, é a música, a poesia, a bandeira do MST, é o hino, são os objetos usados nas lutas. A mística é a vida presente em cada ato político, em cada assentamento organizado pelo MST, em toda sala de aula. É um elemento da luta que encoraja a continuar lutando contra o latifúndio (MAIA, 2008, p. 112)

A mística cultivada no MST, se configura, portanto, em um ato político-cultural desenvolvido por meio de diversos rituais através dos quais, os/as trabalhadores/as rurais materializam as realidades vividas no contexto da luta pela terra, por meio da poesia, da música, do hino e da bandeira do MST, da mímica, da pintura, da arte em geral. Ela encontra no teatro a sua principal forma de manifestação entre os/as Sem Terra do MST. Para Ademar Bogo (2003, p. 328), “seu objetivo é sustentar o projeto político da classe trabalhadora [...] No fundo, o objetivo é manter a força, o ânimo, a esperança, mesmo que em determinados momentos tudo pareça acabado.”

Dessa forma, podemos elencar como regras do jogo de linguagem mística do MST: a utilização de símbolos como a bandeira, o hino e o boné do MST, bem como os instrumentos de trabalho (facão, foice e enxada), o ato de cantar e declamar as músicas e poemas produzidos pelos militantes do MST no Ceará e no Brasil, o ato de provocar - a partir das dramatizações - a emoção (o ânimo para a luta) e, por fim, o ato de rememorar as lutas anteriores e recentes pelo direito de trabalhar/viver na terra própria. Assim, podemos dizer então, que essa forma de “manifestação coletiva de um

<sup>5</sup> Sr. Zé Wilson, 2010.

<sup>6</sup> Os acampamentos podem ser definidos como a ocupação do latifúndio. Conforme Morissawa (2001, p. 199), “[h]á acampamentos que parecem uma cidade. Só que, em lugar de casas e edifícios, há barracos de lona e muita improvisação. A população varia bastante, de 500 a 3 mil pessoas. Em geral cada barraco abriga uma família inteira”. Por outro lado, Segundo Feliciano (2006), os assentamentos constituem “uma política voltada para a fixação do homem ao campo”(p. 114). Noutras palavras, o assentamento é uma “unidade de produção agrícola” (idem). Para o MST, o assentamento configura-se como um “núcleo social aonde [sic] as pessoas convivem e desenvolvem um conjunto de atividades comunitárias na esfera da cultura, lazer, educação, religião, [...]” (MST, 2001, p. 24).

sentimento [de unidade]” (STÉDILE; BERNARDO, 1999, p. 132), este ritual recheado de símbolos, “um espírito que põe em funcionamento a ação e a força prática das idéias do MST” (MAIA, 2008, p. 103-104) contribui para a formação de um sujeito que se sente Sem Terra, que se identifica com a luta pela terra. Noutras palavras, é possível afirmarmos que através da mística, os/as trabalhadores/as rurais sem terra “vão construindo a consciência e a identidade com a luta e com o Movimento, ou seja, vão se constituindo como **sem-terra**” (MORISSAWA, 2001, p. 205, grifo do autor).

O termo mística no MST, é empregado, em geral, como um tipo de motivação que realimenta constantemente a luta dos Sem Terra pela Reforma agrária e por uma sociedade mais justa. Mística também se relaciona aos valores/princípios (solidariedade, companheirismo, indignação, união, disciplina, ternura, coerência, etc.) propostos pelo MST no anseio da construção de outra sociedade. Mas, como podemos entender a mística no assentamento Lênin Paz II? Em que medida o jogo de linguagem mística constitui a identidade de Sem Terra assentado para os/as agricultores/as no referido assentamento?

### RABISCOS DE UMA PRAGMÁTICA ETNOGRÁFICA

Com o objetivo de compreender a construção performativa do Sem Terra assentado no MST-CE, propus uma Pragmática etnográfica: um método de estudo da linguagem que conjuga a análise da linguagem enquanto constituída por jogos de linguagens a partir dos atos de fala com a pesquisa etnográfica<sup>7</sup>. Portanto, neste estudo, adotei como instrumentos de geração e coleta de dados<sup>8</sup>, a observação participante (visitas regulares ao assentamento e participação dos Encontros de

<sup>7</sup> Segundo Resende (2008, p. 109) a pesquisa etnográfica pode ser definida “[...] como uma tradição de PQ [Pesquisa qualitativa] que agrupa a análise de dados empíricos gerados e coletados sistematicamente para a pesquisa, provenientes de contextos situados e de uma variedade de métodos embora o foco deva ser relativamente estreito em escala, envolvendo poucos grupos de indivíduos.”

<sup>8</sup> Considero junto com Resende (2008, p. 82), que em pesquisa etnográfica, geralmente, a maior parte dos dados não é apenas coletada “[...] como se já estivesse disponível independente do trabalho do/a pesquisador/a – e sim gerada para fins específicos da pesquisa.” Portanto, o que fiz em alguns momentos (como nas entrevistas, por exemplo), foi criar junto com os/as sujeitos participantes da pesquisa, situações de interação que tiveram como consequência a geração de dados. Por outro lado, as gravações das místicas foram coletadas.

formação do MST-CE), notas de campo, entrevistas semi-estruturadas<sup>9</sup> e a gravação em vídeo das místicas. E para análise, utilizei a Pragmática Cultural (ALENCAR, 2010), analisando os jogos de linguagem a partir dos atos de fala que os constituem. A possibilidade deste diálogo transdisciplinar entre etnografia e linguística/Pragmática, a meu ver, reside em dois pontos. O primeiro, tem a ver com a inabilidade da linguística em lidar com questões de ordem prática (Cf. RAJAGOPALAN, 2003, 2004). O segundo, por outro lado, se relaciona ao crescente interesse de muitos estudiosos/as em abordar a linguagem enquanto prática social, seja como discurso, seja como atos de fala, etc. O importante é que tal interesse tem rompido os muros de uma linguística fechada em si mesma (na língua e apenas nela). Tais abordagens se preocupam com uma abordagem “situada” da linguagem (SIGNORINI, 2008).

Quero agora demonstrar, a partir da pesquisa de campo realizada no Assentamento Lênin Paz II, em 2010, em que medida o jogo de linguagem mística constitui a identidade de Sem Terra assentado para os/as agricultores/as no referido assentamento?

Como diz o dirigente e teórico do MST Ademar Bogo (2010, p. 138), “[nos] [...] assentamentos [...] a formação política se dá pelas reuniões, cursos e mobilizações.” Isso se evidencia tanto nas reuniões dos Núcleos de base<sup>10</sup>, como nas assembleias gerais promovidas pelos/as próprios/as agricultores/as Sem Terra. As assembleias podem ser definidas como um local onde os/as assentados/as referendam as propostas sugeridas nos Núcleos de base. Ocorrem com muita frequência no Assentamento Lênin Paz II. Geralmente são convocadas pelo/a presidente/a do assentamento, que sai de casa em casa, comunicando o horário e a pauta, uma vez que o local já está pré-estabelecido (a “sede” do assentamento). Tive a oportunidade de participar de várias assembleias. Dentre as quais, destaco a que teve como pauta o

<sup>9</sup> Este tipo de entrevista qualitativa segue o critério de semi-estruturação, isto é, se organiza de maneira a possibilitar a participação efetiva dos/as entrevistados/as e do entrevistador, não sendo conduzida de forma rígida. Como, por exemplo, as entrevistas de levantamento, onde são feitas uma série de questões predeterminadas.

<sup>10</sup> Os Núcleos de base ou “NB’s” compreendem uma forma de organização familiar interna típica do MST, que tem como função principal ser uma espécie de estrutura participativa que permita a todos (pais, mães, jovens, idosos e crianças) construir espaços de opinião e decisão em todos os assuntos que direcionam a vida no assentamento ou acampamento.

Programa “Seguro Safra”<sup>11</sup> e a que repassou os informes sobre as lutas do “Abril vermelho”<sup>12</sup>, em Fortaleza.

Sobre esta última registrei:

Cheguei no assentamento (na casa de D. Roseli) e soube pelo filho dela, que estava acontecendo uma reunião com todos/as assentados/as na “sede” do assentamento. “Não contei um, dois, três”. Guardei minha bolsa e fui correndo assistir a reunião. *Os assentados-militantes que foram para a “luta” em Fortaleza*, já tinham retornado e deram os informes sobre as conquistas e os desafios enfrentados pelo Movimento (MST-CE) *nesta luta que durou 11 dias*. Primeiramente, o *dirigente Ricardo cumprimentou todos/as com um “boa tarde companheirada!”* e informou que foram para a luta 10 pessoas (incluindo, uma mulher e uma criança) do assentamento. Também falou sobre o problema da “seca” nos assentamentos do Estado (Ceará), e ainda *informou a todos/as sobre o assassinato do líder comunitário (Zé Maria) que denunciava as ações do agronegócio na região do baixo Jaguaribe*. Por fim, falou das conquistas do MST, dentre elas, uma audiência pública com o Governador Cid Gomes (PSB), realizada na última quarta-feira (05/05/10), a respeito da pauta de reivindicações do MST-CE. (Nota de campo registrada em 06 de maio de 2010).

Partindo desse registro, podemos entender que neste jogo de linguagem, algumas das regras percebidas na mística encenada se manifestam configurando a experiência da mística no assentamento. Como o uso da saudação “boa tarde companheirada!”, por parte do assentado Ricardo, na abertura da reunião, que produz uma marca ao corpo deste agricultor, performatizando-o como um assentado-militante. Vale destacar que o uso de expressões como essa dentro do MST, acontece, geralmente, na abertura dos Encontros estaduais ou nos Encontros de brigadas do MST-CE. E, pelo que percebi, na maioria das vezes quem profere estes atos de fala são os/as militantes Sem Terra.

Esta ação de saudar todos/as com “boa tarde companheirada!” se relaciona à regra de proporcionar um estímulo, um ânimo para a luta dos/as assentados/as por melhores condições de moradia no campo. No jogo de linguagem assembléia geral, percebi, portanto, a dimensão da luta, manifestada na participação dos/as

<sup>11</sup> Trata-se de um benefício do Governo do Estado para os agricultores que, por conta da estiagem, tiveram perda de até 50% de sua produção.

<sup>12</sup> Uma das formas de luta criada pelo MST desde o massacre de Eldorado de Carajás – PA, em abril de 1997. A partir daí, o referido mês passou a ser tratado pelo MST como “Abril Vermelho”. Sendo ao mesmo tempo, uma forma de re-lembrar (denunciar) os massacres de trabalhadores rurais Sem Terra no Brasil, como um momento em que o MST intensifica as ocupações, reivindicando terra, trabalho, crédito, educação e infraestrutura para o desenvolvimento territorial do campesinato brasileiro.

assentados/as nas mobilizações organizadas pelo MST em Fortaleza, como atividade integrante do “Abril vermelho” no Ceará, em 2010. Outra regra perceptível neste jogo de linguagem foi o ato de lembrar pessoas que já “tombaram” na luta pela terra. Como a denúncia do assassinato do líder comunitário “Zé Maria”, em Limoeiro do Norte. Sobre este fato, o assentado Zé Wilson desabafou: “[...] dentro do Movimento, quantas pessoas [...] foram tombado [...] agora, quem? Por quem? Que agora recente, nós tivemos um caso do “Zé Maria”, lá em Russas”<sup>13</sup>. A ação de denunciar o assassinato de uma liderança que lutava contra a concentração da propriedade da terra no Ceará, em uma reunião como a assembleia geral, pode ter tido como efeito perlocucionário a construção de um sentimento de indignação por parte dos/as assentados/as. Segundo Bogo (2005), o ato de se indignar se relaciona com a mística dos Sem Terra na medida em que ele funciona como um “alimento ideológico”, que impulsiona o/a agricultor/a para continuar na luta. Diz ele que, “[i]ndignar-se contra as injustiças e contra as atitudes de quem as comete” (BOGO, 2005, p. 52) é uma virtude do ser humano militante.

No jogo de linguagem em questão, o ato de se indignar, portanto, se transforma em ação, movimento. Ainda de acordo com Bogo (2005, p. 54) “a indignação deve [...] tornar-se atitude, ação concreta de protesto e de defesa dos injustiçados”. Percebemos, então, que algumas das regras constituintes da mística encenada - tais como: o ato de lembrar lutas anteriores e recentes pela terra no Brasil, e o ato de produzir um estímulo a fim de renovar a esperança de melhores condições de vida no campesinato - se mantêm como regras no jogo de linguagem assembleia geral no Lênin Paz II.

Passemos para o jogo de linguagem entrevista, que não constitui o cotidiano dos/as assentados/as, mas fez parte deste durante a execução da pesquisa de campo no Assentamento Lênin Paz II. Adentremos um pouco mais na construção performativa do Sem Terra assentado no referido assentamento.

<sup>13</sup> Zé Wilson, 2010.

## DIZENDO E FAZENDO O SEM TERRA ASSENTADO NO MST-CE

Eu quero dizer assim, [...] no momento que a gente sai da casa da gente que entra no Movimento, que participa [...] já é Sem Terra. Participa nos Encontros [...] se eu saio da minha casa, dizer assim: “*eu vou pra uma ‘luta’, eu sou um Sem Terra*”. *Eu estou no Assentamento, eu sou Sem Terra. Mas, o Sem Terra fica melhor ainda quando o Sem Terra é organizado e luta pelo que quer* (D. Roseli).

Investigar a constituição performativa das identidades – neste caso de Sem Terra assentado no MST-CE - a partir dos efeitos perlocucionários dos atos de fala constituintes dos jogos de linguagem vividos em um determinado momento histórico, significa perceber que elas (as identidades) encontram seus alicerces na história de sua própria exibição. Desse modo, quero convidar o/a leitor/a para dar “uma voltinha, ou melhor, para alguns tropeções” (AUSTIN, 1990, p. 123) no “chão” escorregadio da linguagem. Para tanto, quero partir dos atos de fala em destaque executados por D. Roseli<sup>14</sup> no jogo de linguagem entrevista, jogado no mês de julho de 2010, no Assentamento Lênin Paz II.

Quando perguntada sobre o que seria ser Sem Terra dentro do MST-CE, D. Roseli agiu dizendo: “no momento que a gente sai da casa da gente que entra no Movimento, que participa [...] já é Sem Terra.” E reforça sua ação da seguinte forma: “se eu saio da minha casa, dizer assim: eu vou pra uma ‘luta’, eu sou um Sem Terra. Eu estou no Assentamento, eu sou Sem Terra.” Para o assentado Oziel, “a partir do momento que você entra no acampamento [...] você cria outra identidade.”<sup>15</sup> Diz ele que “quando se diz Sem Terra, não se define uma pessoa, mas sim, um Movimento. Um Movimento”<sup>16</sup>. “Mas, o Sem Terra fica melhor ainda quando o Sem Terra é organizado e luta pelo que quer.” Conclui D. Roseli. Pelo que vemos, os atos de fala mobilizados pelos/as assentados/as performatizam modos de ser Sem Terra dentro do MST. Isso não apenas porque tais ações partem de agricultores/as assentados/as vinculados/as ao MST, mas principalmente, porque estes enunciados performativos,

<sup>14</sup> Roseli Nunes. Entrevista concedida na sua casa, no Assentamento Lênin Paz II, Ibareta - CE, em julho de 2010.

<sup>15</sup> Oziel. Entrevista concedida na casa de sua mãe (D. Margarida), no Assentamento Lênin Paz II, Ibareta - CE, em julho de 2010.

<sup>16</sup> Idem.

nas circunstâncias (jogos de linguagem) em que foram executados operaram formas de ser Sem Terra. Atentemos para os performativos mobilizados nestas ações. Quando a assentada, D. Roseli, relaciona o ato dos/as trabalhadores/as rurais sem-terra de “entrar no Movimento” ao ato destes/as participarem “[d]os Encontros [...]” e das lutas promovidas pelo MST-CE, utilizando proferimentos como, “eu vou pra uma ‘luta’, eu sou um Sem Terra. Eu estou no Assentamento, eu sou Sem Terra”, ela está, não apenas dizendo uma realidade, mas performatizando o Sem Terra assentado/militante a partir de atos de fala comissivos, pois, tais atos comprometem-na (enquanto assentada) com um tipo de atitude, a saber, a luta por “melhoria pro nosso Assentamento”<sup>17</sup>.

Ainda nessa direção, as ações executadas por Oziel, nos mostram de maneira mais explícita essa dimensão identitária dos/as assentados/as. Quando o mesmo diz: “quando se diz Sem Terra, não se define uma pessoa, mas sim, um Movimento. Um Movimento.” Através de atos de fala veriditivos, Oziel impõe uma maneira de ser Sem Terra no MST (Sem Terra militante) como algo “dado”, ou seja, já consensuado, pois o referido assentado condiciona o fato de ser Sem Terra ao fato de estar/participar/atuar no MST. Porque “quando se diz Sem Terra [...] se define [...] um Movimento. Um Movimento.” Atente também, para a ênfase/escolha do termo “Movimento” que reforça este sentimento de luta, constituinte do militante Sem Terra.

Voltando as ações de D. Roseli, vemos que a forma como a referida assentada emprega o termo Sem Terra, reforça essa ideia de Sem Terra militante, quando a mesma executa atos de fala comportamentais, como: “Sem Terra é organizado e luta pelo que quer”, performatizando uma postura, uma atitude do/a Sem Terra ser/torna-se organizado/a e militante, sempre lutando “pelo que quer”. A identidade de Sem Terra militante, também se performatiza na relação que os/as assentados/as tem com a luta do MST, materializada na bandeira do referido Movimento Social camponês. Vejamos um trecho da entrevista realizada com D. Roseli, em julho de 2010, onde a

<sup>17</sup> D. Roseli, 2010.

mesma relaciona a mística no assentamento (uso da bandeira por parte dos/as assentados/as) com a identidade de Sem Terra, diz ela:

[...] A gente faz sempre uma mística pra lembrar o “Lêzinho”<sup>18</sup> [...] a gente nunca mais fez não, mas a gente sempre lembrava ele em todas as místicas que se faz. Todo [...] aniversário do Assentamento [...] posse de nova direção, a gente leva a foto dele, sempre lembrando que ele [...] foi [...] desde criança [...] já era um *lutador pela terra*, sempre quando saía a mãe dele disse *que levava a bandeira*. (D. Roseli)

No entanto, como não podia deixar de ter, existe uma contradição neste ato de reivindicar a identidade de Sem Terra assentado-militante, ela se evidencia principalmente, a partir da memória de D. Margarida. Memória aqui, no sentido atribuído por Alessandro Portelli, que define o ato de rememorar como “um processo ativo de criação de significações.” (PORTELLI, 1997, p. 33). Isto é, significar é também re-memorar. Para melhor entendermos essa questão, observemos este registro que fiz logo após eu e ela termos jogado o jogo de linguagem entrevista, no dia 28 de abril de 2010: “um dos pontos que me chamou atenção e que se relaciona com a mística. Foi o fato de D. Margarida relatar *um certo medo em relação à bandeira do Movimento [MST]*. Medo construído por sua família. (Nota de campo registrada em 28 de abril de 2010). Atentemos agora para o momento em que D. Margarida rememora os seus primeiros contatos com os integrantes do MST, antes de chegar ao acampamento:

A gente passou a conhecer não o MST, mas o Movimento Sem-Terra, os sem-terra que pra mim, aquilo, os sem-terra, eles era [...] uns baderneiros, que eles era, que eles não tinha [...] o que fazer, eu achamava eles, bando de desocupados [...] isso aí quem se mete com esse povo aí entra numa guerra. Porque a minha família nos dizia [...]”<sup>19</sup>

Ao que parece, a identidade de sem-terra performatizada na/pela memória de D. Margarida, não é a “mesma” que hoje é vivida por ela. Percebemos aí um conflito entre os sem-terra “baderneiros”, “bando de desocupados [...]” e os Sem Terra assentado-militante. Vejamos a descrição (que não constata), mas performatiza o momento em que ela adentra em um acampamento do MST pela primeira vez:

<sup>18</sup> Filho de uma das assentadas residente no “Lênin Paz II”. “Lêzinho” morreu atropelado no ano de 2003, no período do acampamento. Em homenagem a ele os/as assentados/as resolveram nomear o assentamento com seu nome.

<sup>19</sup> D. Margarida Alves. Entrevista concedida na sua casa, no Assentamento Lênin Paz II, Ibaretama – CE, em abril de 2010.

Cheguemo lá, *na entrada tinha uma bandeira*, e quando eu entrei, ((D. Margarida começou a chorar, suas lágrimas ficavam empoçadas nos olhos que ainda alimentam sonhos, seus dedos como se fossem um lenço, iam tentando secá-las, enquanto que sua voz era trêmula ...)), *eu entrei no acampamento naquele dia, que vi aquele povo tudo unido, aquele pessoal lutando que parecia que tinha uma esperança* de buscar sei lá o quê, uma libertação, sabe? Vendo aquela bandeira, o vento levando [...] eu me senti muito bem! (D. Margarida)

Entendo que estas ações significam pelo menos duas maneiras de viver a identidade Sem Terra no MST-CE. Uma primeira, seria a identidade do sem-terra como “invasor”, “vagabundo”, etc. (uma das *marcas* impostas ao corpo do/a agricultor/a integrante do MST). Esta se relaciona dialeticamente com a identidade de Sem Terra militante reivindicada reiteradamente pelos/as trabalhadores/as rurais Sem Terra, no contexto das lutas sociais no campo. O que vemos, portanto, é que a construção performativa da identidade de Sem Terra assentado, enquanto efeitos perlocucionários, se realiza, por um lado, no confronto com a identidade de sem-terra re-produzida pelos/as próprios/as assentados/as e também, pela sociedade (população de Ibaretama). E por outro, pela afirmação do Sem Terra militante, que nega o sem-terra, constituindo-se enquanto Sem Terra assentado-militante, uma vez que a identidade (memória) de militante está sempre se atualizando na identidade de assentado.

## CONCLUSÃO

Aprendi que a linguagem é uma forma de vida, porque ela é constituída de jogos de linguagem que não dizem **o que é o sentido** de uma palavra, mas apenas **mostram** em que jogo(s) de linguagem(ns) ela está sendo empregada. Isto é, em que jogo de linguagem ela está agindo. Isto mostra que as palavras não constataam a realidade social, mas, ao contrário, performatizam realidades sociais, instauram jogos de linguagem com suas gramáticas próprias. Diante disso, reforço a tese que propus anteriormente, de que somos sempre efeitos, tanto de nossos como de outros atos de fala, que reiteradamente postulam o que nós estamos sendo em determinado jogo de linguagem. Tal conclusão se materializou nesta investigação que mostrou como a

identidade de Sem Terra assentado no MST-CE, é performativamente construída a partir dos efeitos perlocucionários dos atos de fala mobilizados pelos/as assentados/as residentes no Assentamento Lênin Paz II, no ato de jogar o jogo de linguagem mística.

No que diz respeito à Pragmática etnográfica, percebi que esta articulação teórico-metodológica entre a Pragmática e a pesquisa etnográfica se fez necessária devido a natureza da minha pesquisa. Pois, meu propósito foi investigar “o ato de fala total na situação total de fala” (AUSTIN, 1990), isto é, estudar o uso da linguagem de forma não deslocada das situações sociais em que foi empregado, levando em conta as interações reais entre sujeitos situados sociohistoricamente. Este método de estudo da linguagem pode ser utilizado em pesquisas linguísticas que tenham como interesse a focalização de práticas particulares em eventos sociais específicos.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana. As construções dos sentidos da violência nas práticas culturais do Sertão Central do Ceará. Relatório de Pesquisa: Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa e Estímulo à Interiorização – FUNCAP (2010). Fortaleza.

ARMENGAUD, Françoise. A pragmática (2006). Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial.

AUSTIN, John. L. How to do things with words (1976). 2ª ed. Oxford : Oxford University Press.

\_\_\_\_\_. Quando dizer é fazer: palavras e ação (1990). Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas.

BOGO, Ademar. Arquitetos dos sonhos (2003). São Paulo: Expressão Popular.

\_\_\_\_\_. Valores que deve cultivar um lutador do povo. In: Caderno nº 9 – “Valores de uma prática militante” - Consulta Popular (2005). São Paulo. Expressão Popular.

\_\_\_\_\_. Identidade e luta de classes (2010). 2.ed. São Paulo: Expressão Popular.

BONFIM, Marco Antonio. Queres saber como fazer identidades com palavras? Uma análise em Pragmática cultural da construção performativa do Sem Terra assentado no

MST-CE. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/PosLA (2011). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

CALDART, Roseli. *Pedagogia do Movimento Sem Terra* (2004). São Paulo: Expressão Popular.

FELICIANO, Carlos. *Movimento camponês rebelde: a reforma agrária no Brasil* (2006). São Paulo. Contexto, 2006.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos* (2008). 7.ed. São Paulo: Edições Loyola.

MAIA, Lucíola. *Mística, educação e resistência no Movimento dos Sem-Terra – MST* (2008). Fortaleza: Edições UFC.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Por uma lingüística aplicada Indisciplinar* (2006). São Paulo: Parábola Editorial.

MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e MST* (2001). São Paulo: Expressão Popular.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). *Construindo o caminho* (2001). Secretaria Nacional do MST. São Paulo.

OLIVEIRA, Manfredo. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea* (2006). São Paulo. Edições Loyola.

OTTONI, Paulo. *Visão performativa da linguagem* (1998). Campinas: Editora da UNICAMP.

PINTO, Joana. *Identidade performativa*. In: *Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem* (2002). Campinas. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem/ IEL, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, p. 116-124.

\_\_\_\_\_. *Pragmática* (2003). In: MUSSALIM, F; BENTES, A (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v.2. 3.ed. São Paulo: Cortez, p. 47-68.

\_\_\_\_\_. *Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades* (2007). In: *DELTA* vol.23, no.1 São Paulo.

\_\_\_\_\_. *O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala*. *Cadernos Pagu* (2009). (33), julho-dezembro.Campinas, p.117-138.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a História Oral diferente*. *Revista Projeto História* (1997), São Paulo, (14), fev. ,p. 25-39.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética (2003). São Paulo: Parábola Editorial.

\_\_\_\_\_. Resposta aos meus debatedores. In: RAJAGOPALAN, K; LOPES, F. (orgs.). A lingüística que nos faz falhar: uma investigação crítica (2004). São Paulo, Parábola Editorial. p. 166-128.

RESENDE, Viviane. Análise de Discurso Crítica e Etnografia: O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, sua Crise e o Protagonismo Juvenil (2008). Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília.

ROMÃO, J. As raízes da luta pela terra. Discutindo Geografia (2006), São Paulo, n. 6, p.24-25.

SIGNORINI, Inês (org.). Situar a linguagem (2008). São Paulo: Parábola Editorial.

SILVA, Daniel. Brahma Kumaris: a construção performativa de identidades de gênero (2005). Campinas. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem/ IEL, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2005.

\_\_\_\_\_. A questão da identidade em perspectiva pragmática. Revista Brasileira de Linguística Aplicada (2008), v. 8. n. 1, 2008. p.15-33.

SIQUEIRA, Sandra Maria. Matrizes Históricas dos Movimentos Sociais: Entre a Cidadania nos limites do Capital e a busca pela Emancipação Humana (2006). Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo. Brava gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil (1999) . São Paulo. Editora: Perseu Abramo.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas (1989). Trad. De José Carlos Bruini. São Paulo, Nova Cultural, (Os Pensadores).

**SOBRE O AUTOR:** Doutorando em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE). Possui mestrado (2011) em Linguística Aplicada pela UECE e é licenciado em Letras habilitação Português/ Literatura (2009) pela mesma universidade. Email: [marcilaetitia@bol.com.br](mailto:marcilaetitia@bol.com.br)